

PRECEPTORIA NA REDE DE ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE: FORTALZAS E FRAGILIDADES NO NORDESTE BRASILEIRO

Claribalte Martins Sampaio Sá Bezerra*; Humberto Gomes Vidal*; Fábio Andrey da Costa Araújo*; Herika de Arruda Mauricio*; Renata de Oliveira Cartaxo*; Pedro Henrique Sette-de-Souza*

* Faculdade de Odontologia, Universidade de Pernambuco, campos Arcoverde

* Autor para correspondência e-mail: pedro.souza@upe.br

PALAVRAS-CHAVE

Preceptoría
Atenção Primária à Saúde
Educação em Odontologia
Educação Superior

KEYWORDS

Preceptorship
Primary Health Care
Dental Education
Higher Education

RESUMO: A preceptoría tem um papel importante na formação dos profissionais de saúde por servir de espelho nas atividades práticas. Este trabalho objetivou apreender a visão de cirurgiões-dentistas sobre a preceptoría, além de identificar os principais questionamentos e inseguranças frente ao papel de supervisor/orientador de estágio. Estudo transversal de abordagem qualitativa a partir de entrevistas realizadas de agosto a outubro de 2017 com 11 preceptores cirurgiões dentistas vinculados à rede de Atenção Primária do município de Arcoverde/PE. Os entrevistados responderam às perguntas conduzidas pelos pesquisadores oralmente, sendo o áudio gravado para posterior transcrição. Após transcritas, foram extraídos núcleos de sentido que permitiram analisar o conteúdo das falas, conforme análise de conteúdo de Bardin. Os preceptores expressam a necessidade de receber um curso de formação para exercício da atividade. Em relação aos alunos, não são identificadas dificuldades quanto a aspectos didáticos e de relação interpessoal. A insegurança expressa por alguns sobre o atendimento clínico ser realizado por alunos tem sido contornada pelos preceptores. A experiência da relação de preceptoría entre estudantes e preceptores foi tida como positiva (visão dos preceptores), com compartilhamento de informações entre os dois grupos. Entretanto, evidenciou-se a necessidade de formação voltada para a preceptoría, a fim de maximizar o aproveitamento do estágio para ambos. Tal percepção disparou o desenvolvimento de um processo formativo conduzido pelos docentes.

PRECEPTORSHIP IN THE PRIMARY HEALTH CARE: STRENGTHS AND WEAKNESSES IN THE BRAZILIAN NORTHEAST

ABSTRACT: Preceptorship plays an important role in the training of health professionals by serving as a mirror in practical activities. This study aims to apprehend the view of dentists on preceptorship, in addition to identifying the main questions and insecurities in view of the role of supervisor / internship advisor. Cross-sectional study with a qualitative approach based on interviews conducted from August to October 2017 with 11 dentist preceptors linked to the Primary Care network in the municipality of Arcoverde/PE. The interviewees answered the questions asked by the researchers orally, and the audio was recorded for later transcription. After transcription, nuclei of meaning were extracted that allowed to analyze the content of the statements, as proposed by Bardin. The preceptors express the need to receive a training course to exercise the activity. In relation to students, difficulties are not identified in terms of didactic and interpersonal relationships. The insecurity expressed by some about the clinical care provided by students has been overcome by the preceptors. The experience of the relationship between students and preceptors was positive (preceptors' view), with information sharing between the two groups. However, there was a need for training focused on preceptorship, to maximize the use of the internship for both. Such perception triggered the development of a training process led by the teachers.

Recebido em: 12/09/2021

Aprovação final em: 18/11/2021

DOI: <https://doi.org/10.25061/2527-2675/ReBraM/2022.v25i1.1040>

INTRODUÇÃO

A regulamentação das estratégias para formação de profissionais de saúde dentro do Sistema Único de Saúde (SUS) veio por meio da lei 8.080/90. Assim, o graduando pode encontrar no SUS um campo de formação (BRASIL, 2016), que permite a obtenção de qualificação necessária para a atuação em instituições públicas de saúde (ANTUNES; DAHER; FERRARI, 2017).

As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para os cursos de Odontologia buscaram romper com o modelo de formação conservador e incongruente que estava em vigência, facilitando a integração ensino-serviço nos estágios curriculares supervisionados a serem realizados no SUS (ANTUNES; DAHER; FERRARI, 2017; LUZ; TOASSI, 2016; SILVA; MATOS; FRANÇA, 2017). Essa nova forma, colocou em xeque o antigo modelo e abriu novas portas à forma de se realizar a formação dos futuros profissionais de saúde dentro do SUS.

Nesse cenário surge a preceptorial, que trata da participação dos profissionais trabalhadores do SUS nas atividades de supervisão/orientação de estudantes de graduação da área da saúde (SANT'ANA; PEREIRA, 2016). Esta atividade tem um papel importante na formação dos profissionais de saúde por servir de espelho nas atividades práticas, ações no serviço e pela orientação e supervisão dedicada ao aluno (GRANDE *et al.*, 2016). Soma-se a isso as oportunidades para a educação permanente em saúde e mudanças no ambiente de trabalho (SILVA; MATOS; FRANÇA, 2017), aproximando e estreitando as relações entre a universidade, o serviço e a comunidade (OLIVEIRA *et al.*, 2018; SENA; ALVES; SANTOS, 2016).

Além disso, o Conselho Nacional de Educação (CNE) do Ministério da Educação prevê que os preceptores tenham a habilidade de educação permanente: os profissionais devem ser capazes de aprender continuamente, tanto na sua formação, quanto na sua prática. Desta forma, os profissionais de saúde devem aprender a aprender e ter responsabilidade e compromisso com a sua educação e o treinamento/estágios das futuras gerações de profissionais, mas proporcionando condições para que haja benefício mútuo entre os futuros profissionais e os profissionais dos serviços, inclusive, estimulando e desenvolvendo a mobilidade acadêmico/profissional, a formação e a cooperação por meio de redes nacionais e internacionais. (ANTUNES; DAHER; FERRARI, 2017).

O preceptor deve agir como um facilitador da aprendizagem do estudante, organizando o processo de trabalho, ensinando e compartilhando experiências, dando ao graduando a possibilidade de integrar os conceitos adquiridos na universidade com os do serviço de saúde. A relação entre os atores deve ser horizontal, para que a construção do conhecimento seja mútua. Na visão de preceptores do estágio curricular, faz parte do seu papel, a inserção do estudante de odontologia no contexto da Atenção Primária à Saúde e do SUS, estimulando o trabalho interdisciplinar e multiprofissional, com atividades que passem da clínica odontológica para o grande campo da saúde (OLIVEIRA *et al.*, 2018).

OBJETIVO

Assim, este trabalho buscou apreender a visão dos preceptores sobre a atividade de preceptorial em um município do Nordeste do Brasil, além de identificar os principais questionamentos e inseguranças deles frente ao papel de supervisor/orientador.

METODOLOGIA

Estudo transversal de natureza qualitativa, desenvolvido por meio de entrevistas aplicadas aos preceptores cirurgiões dentistas da rede pública de Atenção Primária à Saúde do município de Arcoverde, Estado de Pernambuco, região Nordeste do Brasil. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Pernambuco por meio do parecer número 2.284.097 (CAAE 67511517.0.0000.5207), conforme estabelecido pela resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde.

O universo do estudo constituiu-se por um grupo pequeno e conhecido, formado por todos os 11

preceptores cirurgiões dentistas voluntários e atuantes em parceria com o curso de Odontologia da Universidade de Pernambuco (campus Arcoverde), os quais foram abordados em seus locais de trabalho por um dos pesquisadores. Por ser um universo pequeno e de fácil acesso, não foi necessário realizar processo de amostragem (PEREIRA *et al.*, 2020). Excluiu-se da pesquisa os profissionais que se encontravam em período de férias ou que não estavam presentes nas unidades de saúde no momento das três visitas realizadas pela equipe. Adotou-se esse quantitativo de visitas, feitas em dias e horários diferentes, para diminuir a possibilidade de perdas. Todos os participantes leram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido anteriormente ao desenvolvimento da entrevista.

O roteiro foi construído por toda a equipe de pesquisadores, tendo em vista a carência de questionários validados nacionalmente para este tipo de inquérito. Todas as perguntas eram de cunho subjetivo, ou seja, cada participante pode responder livremente, de acordo com as suas vivências. As entrevistas foram realizadas por um único entrevistador, previamente treinado sob os seguintes aspectos: esclarecimento do objetivo da pesquisa, condução das perguntas do roteiro, gravação e transcrição do conteúdo. As entrevistas foram realizadas no próprio local de trabalho dos preceptores, em uma sala reservada, no período de agosto a outubro de 2017. O conteúdo gravado teve em média 15 minutos de duração. Não houve repetição de entrevistas, tampouco devolveu-se o material para os entrevistados retroavaliarem.

O material foi transcrito para análise manual, sem a utilização de qualquer software para este fim, na qual foi realizada uma leitura flutuante, sendo em seguida identificados os núcleos de sentido conforme orienta a análise de conteúdo de Bardin (BARDIN, 2004), na modalidade temática, para apreender a visão dos preceptores acerca da atividade de preceptoria.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das falas analisadas, sete temas emanaram pela recorrência dos núcleos de sentido reunidos. Para garantir o sigilo das respostas, foi atribuído a letra P para os preceptores e números para distinção de cada um deles.

Apenas sete responderam à entrevista (n = 63,64%), ficando três sem participar por motivo de férias (n = 27,27%) e um por não estar presente na unidade de saúde durante as visitas (n = 9,09%). A maior parte dos participantes da pesquisa eram do sexo masculino (n = 4; 57,14%), com idade média de 34 anos, e com entre 5-10 anos de formado.

Os resultados da análise qualitativa serão apresentados a partir de categorias temáticas e trechos representativos das falas transcritas.

O “SER” PRECEPTOR

Nessa categoria temática, apreendeu-se o significado de ser preceptor. Para além de definições conceituais, o como o preceptor se vê e se sente nesse papel se faz importante no entendimento e na condução dessa função. Surgiram termos como “orientador/professor”, “ajudante/amigo”, “orientador prático e acolhedor orientador”. Para eles, mesmo sem nenhuma formação, o que compete cursos prévios, eles creem que a real função do preceptor é de ajudar, supervisionar, acompanhar, transmitir conhecimentos, fazer acontecer uma interação entre o preceptor e o estudante.

Todas essas definições, tangenciam a transmissão de conhecimento, acompanhar, supervisionar, orientar o ensino, dos futuros profissionais de saúde, como já reiterado na literatura (TAGLIATE; OLIVEIRA; COSTA, 2015). Mesmo não sendo valorizados ou não possuindo formação específica para o exercício de tal atividade, eles compreendem seu papel como formadores (SANT’ANA; PEREIRA, 2016). Tal falta de capacitação pode ser observada em uma das falas dos preceptores

“Na faculdade não temos uma formação específica em preceptoria, a gente vê a parte básica, de assistência e SUS (...)” [P5]

Todo o tipo de conhecimento que os preceptores têm sobre suas atividades vieram das suas vivências passadas, como podemos observar na fala abaixo:

“[...] pela experiência que eu tive em faculdade, preceptor é uma pessoa que vai lhe supervisionar e lhe ajudar no estágio, que passa a transmitir conhecimento não só lhe dizer como deve ensinar, mas acompanhar e supervisionar o seu estágio.” [P7]

O PAPEL DO PRECEPTOR

Por não terem formação específica para a preceptoria, os profissionais muitas vezes ficam confusos quanto ao papel que exercem. Duas falas se destacaram quanto à opinião dos preceptores:

“Como um auxiliar, não chegando a ser um papel de professor.” [P2]

“Desenvolver as habilidades técnicas do aluno.” [P3]

Em estudo semelhante, Rocha (2014) observou que dentre os dentistas preceptores e discentes se pensou em conjunto que o papel do preceptor é orientar, explicar, auxiliar e ouvir o estudante em todo o seu período de estágio curricular, e, de modo especial, na chegada desse aluno ao serviço, inserindo-o no processo de trabalho da equipe de Atenção Primária. Logo, todo o processo de Preceptoria deve ser apoiado e incentivado pelas instituições de ensino, a fim de que a formação acadêmica tenha êxito e alcance grau de excelência (SENA; ALVES; SANTOS, 2016).

HABILIDADES E COMPETÊNCIA DOS PRECEPTORES

Quanto às habilidades e competências de um preceptor, emergiram categorias como: “paciente/compreensivo”, “ter conhecimento teórico”, “transmitir conhecimento”. Ademais, a receptividade/acolhimento, a comunicação, a didática, a postura profissional e o perfil do preceptor foram características elencadas em outro estudo (ROCHA, 2014). As falas abaixo marcam esse discurso:

“Eu vejo principalmente isso: paciência compreensão e vontade de ajudar.” [P4]

“O curso de formação é importante para ter essa visão. Porque enquanto somos só clínicos, não temos essa visão acadêmica da coisa.” [P7]

O preceptor é fundamental na formação dos profissionais de saúde, devendo possuir algumas habilidade e competências, como sensibilidade, paciência, habilidade, conhecimento e experiência tanto nas áreas práticas como teóricas, possibilitando a maior aprendizagem dos alunos (LIMA; ROZENDO, 2015; SENA; ALVES; SANTOS, 2016). Além disso, a formação dos profissionais deve atender ao perfil do egresso, exigindo mudanças da orientação teórica nos cenários da prática e orientação pedagógica. Assim, são necessárias reorganizações estruturais nas instituições de ensino e nos serviços de saúde que acolhem o discente, qualificação de docentes e trabalhadores da rede, bem como na compreensão dos papéis de profissionais de saúde e alunos. Para que isso aconteça, é necessário que docentes, discentes, funcionários, gestão, trabalhadores, técnicos e comunidade possam estar envolvidos (FORTE *et al.*, 2015).

IMPORTÂNCIA DO PRECEPTOR NA FORMAÇÃO DOS FUTUROS CIRURGIÕES DENTISTAS

A preceptoria oferece além de uma formação de melhor qualidade para os alunos, um encontro com a realidade social e de saúde da comunidade em que estão inseridos (SENA; ALVES; SANTOS, 2016).

Além disso, há a realização de trabalhos interprofissionais e com as reais demandas dos serviços de saúde, corroborando com o perfil desejado pelas DCN (LIMA; ROZENDO, 2015). De tal maneira, o desenvolvimento da interprofissionalidade colabora com a qualificação dos serviços de saúde, a partir da discussão sobre integração disciplinar e pragmática (CECCIM, 2018). Nesse quesito, os preceptores tiveram maior concordância de opiniões, como podemos ver nas falas:

“Transmitir as tarefas práticas e teóricas realizadas dentro da Atenção básica no SUS.” [P1]

“A importância é fundamental. Porque é ali na hora da prática que ele está pegando experiência, é ali que estamos vendo de perto.” [P6]

O artigo 200, inciso III, da Constituição Federal do Brasil pontua que cabe ao SUS “ordenar a formação de recursos humanos” para a área da saúde (BRASIL, 1988). Todavia, é prudente ressaltar que não significa que o serviço por si só consiga cumprir essa missão. Nesse sentido, a educação permanente em saúde deveria acontecer no dia-a-dia dos trabalhadores e do trabalho, ajudando também na construção e defesa de um sistema de atenção integral, com participação popular e gestão descentralizada (CECCIM, 2019).

A importância da figura do preceptor, no percurso de formação do profissional, deve ser reconhecida, devendo a instituição de ensino oferecer alternativas pedagógicas suficientes para que o mesmo possa refletir positivamente e executar as atividades em prol do processo de formação profissional (SANTOS FILHO; SAMPAIO; BRAGA, 2016; SENA; ALVES; SANTOS, 2016). A crença no trabalho do preceptor é real, entretanto, encontramos algumas dificuldades a serem enfrentadas e vencidas. Como por exemplo, falta de cursos voltados para a preceptoria, pouco espaço para a educação continuada dos preceptores, dificuldade em trabalho em equipe, distanciamento com as coordenações de cursos (TAGLIETE; OLIVEIRA; COSTA, 2015). As lacunas na educação continuada são relatadas por um dos profissionais, como ilustrado a seguir:

“A falta de preparo pode implicar em uma negativa influência.” [P2]

RELAÇÃO DISCENTE-PRECEPTOR

O relacionamento Discente-Preceptor deve existir da forma mais amistosa e agradável possível, para possibilitar ao acadêmico a sensação de acolhimento pela equipe da rede a qual está sendo integrado durante o estágio. Além disso, o próprio preceptor deve se sentir ambientado quanto ao recebimento do aluno dentro de sua rede (LEME *et al.*, 2015). Assim, ao final do estágio, pode-se observar as reações dos preceptores, conforme ilustrado abaixo:

“Acho que foi ótima! Uma ajuda mútua. Espero ter ajudado.” [P2]

“Uma relação profissional, sempre orientando como comportar-se no ambiente de trabalho.” [P3]

“Para mim o contato foi ótimo, não teve nenhum contratempo. Muito tranquilo.” [P4]

A relação dos alunos e preceptores influencia diretamente na troca de experiências. O compartilhamento de saberes, dúvidas e ações, possibilita uma reciprocidade positiva entre os atores. De acordo com Faé (2014), pode-se observar melhoria no serviço quando o aluno se dedica e se interessa pela atividade, do ponto de vista prático no serviço de saúde. Além disso, a presença de discentes no serviço pode acarretar uma melhoria nas ações dos preceptores, tornando-as prazerosas, dinâmicas e mais humanizadas (LIMA;

ROZENDO, 2015). Contudo, vale salientar que o desinteresse por parte dos alunos que estão submetidos ao processo de preceptorial pode influir negativamente na aprendizagem e no desenvolvimento da atividade ministrada (TAGLIETE; OLIVEIRA; COSTA, 2015). Em nosso estudo, experiências positivas foram observadas. Entretanto, alguns preceptores registraram em suas falas a possível interferência dos estudantes em seu papel, como por exemplo:

“Acredito que interfere diretamente, tanto por parte do interesse. Porque quando nós recebemos alunos que tem interesse que tem a vontade de aprender e não só de cumprir um horário que está sendo exigido deles, isso interfere na sua relação com o preceptor.” [P4]

“Acho que só pode interferir se eles forem além do que estão ali para fazer.” [P6]

Nesse sentido, torna-se deveras importante que a universidade cumpra seu papel e acorde, em reunião prévia com todos os atores envolvidos (estudantes, tutores, preceptores e professores) quais serão as atividades, responsabilidades e deveres de cada um. Cabe destacar que nas Unidades de Atenção Primária à Saúde, além das atividades de estágio pactuadas, o discente tem a oportunidade de se aproximar de diferentes ações/projetos/programas, podendo ter seu interesse despertado por várias formas. *Não obstante*, a forma pedagógica de acolhimento dos alunos na preceptorial deve atender às necessidades que eles apresentam, precisando assim, de compartilhamento de conhecimentos e acolhimentos dos mesmos ao meio de ensino-serviço (PINHO; GARCIA; NOGUEIRA-MARTINS, 2017). Ainda, cabe destacar que, mesmo presumindo que os estudantes são bem acolhidos, dois dos entrevistados sugeriram que fosse perguntado aos acadêmicos se eles se sentiram bem acolhidos nas unidades.

DIFICULDADE NA ATENÇÃO PRIMÁRIA

Os profissionais do serviço entendem como importante essa integração que ocorre por meio da ida dos estudantes para a rede de serviço, validando a troca de experiências e o enriquecimento de ambas as partes (SANTOS FILHO; SAMPAIO; BRAGA, 2016). Entretanto, eles ainda veem dificuldades relacionadas à infraestrutura das unidades, à sobrecarga do profissional, à limitação de transmissão de conhecimento para os alunos e ao trabalho com outros profissionais de saúde (FAÉ, 2014). Contudo, entende-se que os estágios na rede do SUS são um campo rico de experiências e que pode, através do contato com profissionais de saúde, contribuir para a formação interdisciplinar do acadêmico (NORO *et al.*, 2019).

Os entrevistados elencaram várias dificuldades vistas por eles como as mais comuns e urgentes, são elas: quantidade de pacientes, estrutura, falta de material, falta de informação por parte dos usuários, interdisciplinaridade. As falas dos preceptores 1 e 4 resumem esses achados:

“Falta de material, falta de assistência de material e estrutura, e demanda.” [P1]

“Acho que é mais questão de informação dos usuários, e de estrutura a falta de material.” [P4]

DIFICULDADES DOS ALUNOS

Quando se analisa a percepção dos estudantes durante a integração ensino-saúde-comunidade, a vivência é tida como positiva por ter contato com o serviço na prática, pelo conhecimento da realidade social, pelo contato com os profissionais de saúde de outras áreas e saberes, a exemplo do trabalho interdisciplinar e multiprofissional, e nas atividades odontológicas do ponto de vista técnico laboratorial (LEMOS *et al.*, 2015).

Entretanto, os preceptores entrevistados puderam analisar dificuldades enfrentadas pelos alunos, desta-

cando-se “ritmo de trabalho” e “receio da população para com o estudante”. Como demonstrado a seguir:

“Acredito que eles têm mais dificuldade prática. Eles vêm com um bom conhecimento teórico, e relatam falta de habilidade manual.” [P3]

“Uma das dificuldades é a resistência do paciente em ser atendido pelo aluno, alguns se recusam a querer ser atendidos pelos alunos.” [P5]

Do ponto de vista das práticas clínicas, pode-se observar maior dificuldade dos estudantes quando o volume dos procedimentos era aumentado, fosse de quantidade, fosse de complexidade, o que torna o trabalho mais lento, em detrimento da realização dos procedimentos por alunos ainda sem muita habilidade prática (FAÉ, 2014). Contudo, cabe ao estudante perceber o seu papel quanto protagonista de sua formação (NORO *et al.*, 2015), ficando o docente/preceptor com papel “secundário” de despertar no discente a visão crítica para a sua prática (PEREIRA *et al.*, 2020).

A principal fragilidade desse estudo reside na questão pontual da restrição geográfica do universo de estudo. Todavia, esta mesma questão de limitação geográfica pode ser vista como a maior fortaleza desse trabalho, uma vez que se aborda e se discute, pioneiramente, a percepção de preceptores atuantes, junto a Universidade de Pernambuco no Sertão Pernambucano, na formação dos novos cirurgiões-dentistas.

CONCLUSÃO

A percepção da experiência de preceptoria como bem-sucedida apresenta-se como uma das principais fortalezas identificadas no relato dos cirurgiões dentistas atuantes na rede de Atenção Primária à Saúde. Isso caracteriza a presença de um conjunto de habilidades e atitudes de comprometimento entre os atores envolvidos, colocando-os com capacidade de conduzir o trabalho de maneira inovadora diante da realidade colocada.

O papel do preceptor na formação do cirurgião dentista é de vital importância. Trata-se do primeiro contato do aluno de graduação com a vivência diária dos serviços de saúde, dos profissionais e dos “pacientes da vida real”. Uma experiência proveitosa cria um ambiente de trabalho seguro e confiável para a expressão de conhecimento de dúvidas, por parte dos acadêmicos, preceptores e docentes, favorecendo o compartilhamento de informações e seu aperfeiçoamento.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, J. M.; DONIZETE, V. D.; FERRARI, M. F. M. Preceptoria como Lócus de aprendizagem e de coprodução de conhecimento. **Revista de enfermagem da UFPE**, v. 11, n. 10, p. 3741-3748. 2017.

AUTONOMO, F. R. D. O. M.; HORTALE; V. A.; SANTOS; G. B. D.; & BOTTI; S. H. D. O. A Preceptoria na formação médica e multiprofissional com ênfase na atenção primária–Análise das Publicações Brasileiras. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 39, p. 316-327, 2015.

BARDIN, L. (Org.). **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Editions 70, 2004.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 8 abr. 2020.

CECCIM, R. B. Emergência de um campo de ação estratégica: Ordenamento da formação e educação permanente em saúde. **Sanare**, v. 18, p. 68-80. 2019.

CECCIM, R. B. Connections and boundaries of interprofessionality: form and formation. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 22, p. 1739-1749, 2018.

FAÉ, J. M. **A integração ensino/serviço público em odontologia e percepção de profissionais atuantes no município de Vitória/ES**. 2014. Dissertação (Mestrado em Clínica Odontológica) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES, 2014.

FORTE, F. D. S., PESSOA, T. R. R. F.; FREITAS, C. H. S. M.; PEREIRA, C. A. L.; & CARVALHO JUNIOR, P. M. Reorientação na formação de cirurgiões-dentistas: o olhar dos preceptores sobre estágios supervisionados no Sistema Único de Saúde (SUS). **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 19, p. 831-843, 2015.

GRANDE, I. M. P.; PROCHNOW, R.; SAAB, R.; & PIZZATTO, E. Desafios na formação do Cirurgião-Dentista para o SUS. **Revista da ABENO**, v. 16, n. 3, p. 2-6, 2016.

Leme; P. A. T.; Pereira; A. C.; Meneghim; M. D. C.; & Mialhe; F. L. Perspectivas de graduandos em odontologia acerca das experiências na atenção básica para sua formação em saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 20, p. 1255-1265, 2015

LIMA, P. A. B.; ROZENDO, C. A. Desafios e possibilidades no exercício da preceptorial do Pró-PET-Saúde. **Interface**, Botucatu, v. 19, supl. 1, p. 779-791, 2015.

LUZ, G. W.; TOASSI, R. F. C. Percepções sobre o preceptor cirurgião-dentista da Atenção Primária à Saúde no ensino da Odontologia. **Revista da ABENO**, v. 16, p. 2-12. 2016.

NORO, L. R. A.; FARIAS-SANTOS, B. C. S.; SETTE-DE-SOUZA, P. H.; CRUZ, R. K. S.; PINHEIRO, I. A. G.; BORGES, R. E. A.; NUNES, L. M. F.; SILVA, S. M. O professor (ainda) no centro do processo ensino-aprendizagem em Odontologia. **Revista da ABENO**, v. 15, p. 2-11, 2015.

NORO, L. R. A. ; FARIAS-SANTOS, B. C. S. ; SETTE-DE SOUZA, P. H.; PINHEIRO, I. A. G.; BORGES, R. E. A.; CRUZ, R. K. S.; LIMA, R. X. S. Revisiting the basic cycle: Prospects by undergraduates? Students of a Brazilian Dentistry School. **Pesquisa Brasileira em Odontopediatria e clínica integrada**, v. 19, p. 1-11, 2019,

OLIVEIRA, E. T. de; VASCONCELOS, M. V. L. de; RODARTE, R. S.; ESTEVES, R. Z. Odontologia e preceptorial: um olhar para a prática pedagógica dos preceptores de estágio. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, [S. l.], v. 31, 2018. DOI: 10.5020/18061230.2018.8639. Disponível em: <https://periodicos.unifor.br/RBPS/article/view/8639>.

OLIVEIRA, L. M. L.; TAGLIATE, A. D.; COSTA, V. A. A preceptorial na formação profissional em saúde: o serviço social em questão. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE SERVIÇO SOCIAL, TRABALHO E POLÍTICA SOCIAL., 1, **Anais....**, 2015, Florianópolis.. Florianópolis, SC. v. 01. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/180663/Eixo_2_264.pdf?sequence=1&isAllowed=y acesso em 04 abr. 2020.

PEREIRA, R. G. S.; CARTAXO, R. O.; MAURICIO, H. A.; SETTE-DE-SOUZA, P. H. Saberes construídos na experiência e formação docente. **Revista Docência do Ensino Superior**, v. 10, p. e021722, 2020.

PINHO, L. M. G.; GARCIA, V. L.; NOGUEIRA-MARTINS, M. C. F. Implantação da Residência Médica e Multiprofissional em Saúde da Família em um município paulista: percepção de residentes da primeira turma (2014-2016). **Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde**, v. 19, n. 2, p. 106-114. 2017.

ROCHA, P.F. **O preceptor cirurgião-dentista da atenção primária a saúde na formação em odontologia: compreensão do papel e análise das características para a preceptoria**. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino da Saúde) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS. 2014.

SANT'ANA, E. R. R. B.; PEREIRA, E. R. S. Preceptoria Médica em Serviço de Emergência e Urgência Hospitalar na Perspectiva de Médicos. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Rio de Janeiro, v. 40, n. 2, p. 204-215, 2016.

SANTOS FILHO, E. J.; SAMPAIO, J.; BRAGA, L. A. V. Avaliação de um programa de residência multiprofissional em saúde da família e comunidade sob o olhar dos residentes. **Tempus, actas de saúde colet**, v. 10, n. 4, p. 129-149. 2016.

SENA, J.; ALVES, S. L.; SANTOS, M. S. A. Um relato de Experiência do estágio curricular supervisionado I realizado na estratégia de saúde da família (ESF). **Revasf**, v. 6, n. 10, p. 147-158, 2016.

SILVA, K. L.; MATOS, J. A. V.; FRANÇA, B. D. A construção da educação permanente no processo de trabalho em saúde no estado de Minas Gerais, Brasil. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 4, e20170060, 2017.